



GUERRA NO LESTE EUROPEU

Em 23 dias de invasão à Ucrânia, a Rússia perdeu 7 mil militares, a mesma quantidade de baixas dos EUA em 20 anos de campanhas militares no Iraque e no Afeganistão. Putin mobiliza mais tropas e recebe a ajuda de mercenários chechenos

Dificuldades no front

» RODRIGO CRAVEIRO

Vladimir Putin esperava uma rápida tomada de Kiev, com o menor número possível de baixas militares. A “operação especial” que o Kremlin insiste em não qualificar como guerra já dura 23 dias, e as forças de Moscou não conseguem avanços significativos no campo de batalha. Sob pressão das sanções financeiras impostas pelo Ocidente, o presidente da Rússia decidiu mobilizar soldados estacionados no território da Ossétia, a caminho da Ucrânia. O líder checheno, Ramzan Kadyrov, enviou mais mil mercenários para lutarem ao lado das tropas russas.

De acordo com fontes do Pentágono consultadas pelo jornal *The New York Times*, 7 mil militares russos morreram — média de 300 por dia. Entre os mortos, há quatro generais: Andrey Sukhovetsky, Andrey Kolesnikov, Oleg Mityaev e Vitalii Gerasimov

“Em pouco mais de 20 dias, a Rússia teve o mesmo número de baixas dos Estados Unidos em duas décadas de guerras no Iraque e no Afeganistão. É um número assustador para o Kremlin”, admitiu ao *Correio* o ucraniano Peter Zalmayev, diretor da Eurasia Democracy Initiative, uma organização não governamental voltada à promoção da democracia e dos direitos humanos no Leste da Europa e no Cáucaso. “Isso explicaria o motivo pelo qual a Rússia não deseja repatriar os seus soldados mortos. Os corpos são abandonados nas estradas e nos campos ou mesmo incinerados.” O Kremlin reconhece apenas 500 baixas.

Zalmayev acredita que a estatística divulgada pelo *NY Times* é subestimada. “As autoridades ucranianas avaliam as baixas russas em 13,5 mil. Moscou não tem conseguido avanços estratégicos no front e se limita a manobras táticas. É uma espécie de protelação”, comentou o especialista. De acordo com ele, tal fato justificaria o motivo pelo qual Putin procura “aterrorizar os civis”. “Ele busca aumentar os custos humanos e o sofrimento dos ucranianos, a fim de forçar os governos de Kiev e ocidentais a implorarem por negociações viáveis.”

O especialista adverte que o cenário é desfavorável para os invasores. “Os ucranianos conhecem o território, têm acesso a suprimentos e gozam de 100% de apoio da população, além de manterem o

Sergey Bobok/AFP



Blindado de transporte de tropas russo em chamas perto de corpo de soldado, em Kharkiv, a segunda maior cidade da Ucrânia: resistência feroz

Depoimento

Taras Trofimchuk

“Nós temos sirenes antiaéreas durante o dia e nos escondemos em abrigos. À noite, as sirenes soam por até quatro horas. É realmente assustador, pois precisamos acordar nossos filhos e correr para o porão, frio e úmido. Em minha cidade, todos os homens trabalham em postos de controle, enquanto as mulheres preparam refeições para os soldados. Somos pela paz e esta é a única coisa que queremos. Mas entendemos que não podemos concordar com os russos. Eles matam nossas crianças. Em Chernihiv, fuzilaram pessoas

Arquivo pessoal



na fila do pão. Também dispararam contra carros em fuga e lançaram bombas sobre uma maternidade. Nós rezamos e esperamos que a Otan imponha uma zona de exclusão aérea. Apoiamos totalmente o nosso governo e acreditamos na vitória. Nós estamos em nossa pátria, não faremos parte da Rússia. Não temos o direito de recuar e de nos render. Tantas pessoas morreram por nossa liberdade. Todos os nossos heróis, que bravamente nos defendem e morrem...”

Empresário, 38 anos, morador de Lutsk (noroeste)

moral em alta.” A perspectiva não parece promissora para o Kremlin. Zalmayev disse que Putin tem convocado soldados jovens, sem experiência de combate. Ante a falta de opções para reverter o cenário bélico, o Kremlin apela por ajuda econômica da China.

Olexiy Haran, professor de política comparativa da Universidade

Nacional de Kiev-Mohyla (Ucrânia), concorda com Zalmayev e admite que as dificuldades no campo de batalha têm levado a Rússia a tentar intimidar o presidente Volodymyr Zelensky, por meio da matança de civis. Ele aponta três erros cometidos por Putin antes da invasão à Ucrânia: “O Kremlin subestimou o povo e

Fadel Senna/AFP



Homem chora diante do corpo da mãe, após bombardeio em Kiev

o Exército de meu país; tratou as nossas forças armadas como corruptas e ineficientes; e minimizou a possibilidade de sanções financeiras do Ocidente. Esses enganos levarão ao colapso geopolítico da Rússia”, disse ao *Correio*.

Os ataques indiscriminados a civis mereceram forte condenação dos Estados Unidos e da

União Europeia (UE). Na quarta-feira, o presidente dos EUA, Joe Biden, chamou Putin de “criminoso de guerra”. Ontem, o secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, reforçou as acusações do titular da Casa Branca. “Apon-tar intencionalmente contra civis é um crime de guerra. Depois de toda a destruição das últimas

Eu acho..

Arquivo pessoal



“O moral das tropas russas é muito baixo. Há relatos críveis de deserções nas fileiras de Moscou: alguns soldados simplesmente largaram suas armas e correram para a mata. A Rússia invadiu a Ucrânia completamente despreparada para o tipo de armamentos que encontraria nas mãos do inimigo, como drones turcos e mísseis antitanque FGM-128 Javelin, de produção norte-americana. Os russos perderam pelo menos 500 tanques, mais de 100 aviões e um número desconhecido de veículos militares.”

Peter Zalmayev, diretor da Eurasia Democracy Initiative (em Kiev)

semanas, é difícil para mim concluir que os russos estão fazendo o contrário”, declarou.

A UE condenou as “graves violações do direito humanitário” e os “crimes de guerra” cometidos pela Rússia na Ucrânia, e afirmou que os dirigentes russos terão que prestar contas por esses atos.

Negociações

Na terça-feira, a notícia sobre um rascunho de plano de paz de 15 pontos sinalizou esperança rumo a um cessar-fogo. Entre os itens do texto, estariam a neutralidade do território da Ucrânia, a desistência de adesão à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e a redução do Exército. O status de neutralidade seguiria os modelos adotados pela Áustria e pela Suécia. Viena incorporou a condição por imposição dos soviéticos, em 1955.

Para Artem Oliynyk, da Academia de Ciência Política da Ucrânia (em Kiev), a repetição do plano austríaco não se adequaria ao território ucraniano. “O problema é que houve restrições sobre armamentos de alguns países; a Áustria foi incapaz de usar armas alemãs. Os austríacos também não receberam fundos para a reconstrução da nação”, disse à reportagem. Ontem, prosseguiram as negociações em caráter virtual, sem grandes avanços.

Tobias Schwarz/AFP



“Derrube este muro”, pede Zelensky à Alemanha

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, pediu à Alemanha que derrube o novo “muro” que está sendo erguido na Europa contra a liberdade desde a invasão da Ucrânia. “Não é um muro de Berlim, é um muro na Europa Central entre a liberdade e a escravidão, e este muro fica maior a cada bomba lançada sobre a Ucrânia”, disse, em vídeo exibido no Bundestag (Parlamento alemão). “Senhor chanceler (Olaf) Scholz, derrube este muro. Dê à Alemanha o papel de liderança que merece”, afirmou.

Biden alertará Xi sobre apoio ao Kremlin

Os Estados Unidos alertaram a China para qualquer tentativa de “apoiar a agressão russa” contra a Ucrânia, onde novos bombardeios deixaram mais de 20 mortos, no leste. “Estamos preocupados que eles (chineses) estejam considerando dar apoio direto à Rússia com equipamentos militares que seriam usados na Ucrânia. O presidente (Joe) Biden falará com o presidente Xi amanhã (hoje). Ele avisará claramente que a China será responsável por qualquer ato destinado a apoiar a agressão. Não hesitaremos em impor um custo a isso”, declarou o secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken. “Vemos com preocupação que a China

pretenda dar assistência militar direta à Rússia”, acrescentou.

Este é o aviso mais claro emitido pelos Estados Unidos à China desde o início da invasão da Ucrânia. A conversa virtual de hoje entre Biden e Xi — a quarta reunião entre os dois líderes desde que o democrata assumiu a presidência — busca “preservar canais abertos de comunicação entre os Estados Unidos e a China”, explicou a porta-voz da Casa Branca, Jen Psaki, em comunicado.

Uma preocupação constante do presidente Biden é que os Estados Unidos e a China, certamente, estão fadados a uma competição implacável, mas basta manter o diálogo para que esse confronto não

seja gerador de caos em nível internacional. Os dois chefes de Estado vão discutir essa “competição” entre Washington e Pequim “assim como a guerra entre Rússia e Ucrânia e outras questões de interesse comum”, disse Psaki.

Os Estados Unidos elevaram ainda mais o tom ao julgar como “profundamente preocupante” a posição de “alinhamento da China com a Rússia” diante da guerra na Ucrânia, durante recente reunião em Roma entre o conselheiro de Segurança Nacional americano, Jake Sullivan, e o número um da diplomacia do Partido Comunista Chinês, Yang Jiechi. Desde o início da invasão russa à Ucrânia, a China privilegiou sua relação com

Moscou, mas essa “amizade ilimitada” foi testada pela guerra — Xi Jinping parece ter sido surpreendido pela resistência ucraniana e pela força das sanções ocidentais.

“A prioridade de Biden (durante o diálogo) será exigir que a China não dê à Rússia os meios para compensar as sanções internacionais”, disse à agência France-Press (AFP) Ryan Hass, especialista do Brookings Research Institute e ex-assessor sobre China do presidente Barack Obama. Além de uma possível assistência militar à Rússia, Washington quer impedir que a China ajude Moscou a mitigar o impacto das sanções destinadas a estrangular financeira e economicamente o regime de Vladimir Putin.